

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

243

INSCRIÇÕES 834-835



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2023

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



EPITÁFIO ROMANO NA IGREJA DE SANTO ANDRÉ,
SANTA CRUZ, ARMAMAR
(*Conventus Scallabitanus*)

Placa epigrafada, de granito de grão fino, encastrada na fachada posterior da capela-mor da Igreja Paroquial de Santa Cruz / Igreja de Santo André, na aldeia de Santa Cruz, concelho de Armamar (FIG. 1). A fachada é de cantaria de granito, parcialmente em alvenaria de xisto.

Identificada, a 3 de Novembro de 2022, no âmbito do projecto de levantamento do património arqueológico e arquitectónico do concelho de Armamar, da responsabilidade de José Carlos Santos.

Devido à localização e também ao facto de a inscrição se encontrar pouco legível a olho nu e, ainda, por só agora haver uma ‘consciência epigráfica’ e mais apurados conhecimentos, o monumento passou despercebido aos olhos de todos os autores que já escreveram sobre esta igreja, nomeadamente o prior que respondeu ao inquérito de 1758, que se interessa sobretudo pelo interior, Pinho Leal, Joaquim de Azevedo, Gonçalves da Costa e, mais recentemente, Gonçalves Monteiro e Manuel Marques. Na página do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, acessível em http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=10636) informa-se que «o actual imóvel» foi

construído no século XVII e, ao descrever-se aí a fachada posterior, apenas se diz: «cega com remate em empena, com cruz assente no vértice»; e dá-se conta de que, em 1998, houve uma «recuperação do exterior».

Sobre os templos que antecederam, no local, a actual Igreja de Santa Cruz, há notícias desde, por exemplo, o século XII, estando os autores atentos sobretudo à menção das entidades de que dependia¹ e para as quais, por isso, deveriam reverter os proventos angariados².

A placa foi cortada dum lado e doutro para se adaptar às dimensões das outras pedras da construção (FIG. 2). O campo epigráfico – que foi rebaixado em relação à moldura – ficou, porém, praticamente intacto, pois apenas a moldura do lado esquerdo desapareceu, uma moldura simples, limitada por filete, que se mantém na parte superior, em baixo e no lado direito.

Dimensões: 105/107 x 31/29 cm.

Campo epigráfico: 64/64,5 x 30/31.

D(is) M(anibus) S(acrum) / FLACILLE / FLACCI
AN(norum) / L · (quingenta) MATRI / ⁵ [...]AE[...]
ATE[?] / FRATRI SV[O?] / [...]RON / [...] AN(norum) XX
(viginti) / [...] FILIA // ¹⁰ F(aciendum) C(uravit)

Consagrado aos deuses Manes. A Flacila de Flaco, de 50 anos, a mãe; ao seu (?) irmão (...), de 20 anos. (...), a filha, mandou fazer.

¹ Chegou a ser, no 1º quartel do século XVI, da apresentação do Mosteiro de Cárquere (FERNANDES, A. de Almeida – *Censual da Sé de Lamego (Século XVI)*. Arouca, 1999, p. 13 e 66-67).

² Em 1758, o Vigário Jozé Machado de Payva não se esquece de anotar: «O Parrocho hé vigaro da Aprezentçam do Reverendo Reytor do Collegio da Companhia de Coimbra e tem corenta mil Reis de Renda». (ANTT, vol. 21, nº 159, pp. 1357-1358).

Altura das letras – l. 1: 5,5/6; l. 2 e 3: 6,5.³

Praticamente todas as letras deviam, na leitura, apresentar-se subpontuadas, na medida em que a leitura padece de muitas dúvidas, atendendo ao enorme desgaste sofrido pela superfície epigrafada no decorrer dos tempos, desde o século XVII, devido à persistente acção dos agentes atmosféricos (FIG.3). Recorremos aos bons serviços de Alexandre Canha, que muito agradecemos, para – com a utilização de filtros sobre as muitas fotografias disparadas dos mais diversos ângulos – se obterem, inclusive, imagens em 3D e outras com diferentes cores, em vista de se alcançar maior definição. Apresentamos dois dos mais consistentes resultados obtidos (FIG. 4 e 5).

É provável que novos processos e procedimentos venham resolver as dúvidas de leitura que ora se nos apresentam. Em todo o caso, afigura-se-nos facilmente defensável o que se logrou ler: à inicial dedicatória aos Manes seguir-se-á a menção de dois defuntos, mãe e irmão da dedicante.

Não nos foi possível, por enquanto, identificar nem a dedicante nem o irmão. A identificação da mãe, no entanto, não nos oferece dúvidas, até porque obedece a um hábito corrente: ela é *Flacilla* e o seu pai *Flaccus*. Igual ‘junção’ se verificou na inscrição achada na Igreja de S. Maria (Monforte), em que Avitus invoca as Ninfas *pro salute Flaccillae Flacci filiae uxoris suae*⁴, e em Fresnadillo (Zamora): *Flacci/llae Fla/cci f(filiae) an(norum) XXXX*⁵.

Estamos perante um ambiente de indígenas já aculturados, atendendo, por exemplo, à inserção da dedicação aos Manes e à forma como se identificam. A paginação foi cuidada, com a l. 1 a seguir um eixo de simetria e o texto a estender-se regularmente ao longo da placa, que é inusitadamente longa, ainda que a fórmula final já esteja fora do limite do campo

³ Está dificultada a medição das outras linhas, bem como dos espaços interlineares.

⁴ ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis — Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, 1984, inscrição n.º 569.

⁵ *Hispania Epigraphica on line*, registo n.º 30 301.

epigráfico. Mas os caracteres, actuários, afigura-se-nos que estão bem delineados, privilegiando a altura. Ou seja, um testemunho de boa assimilação dos hábitos epigráficos romanos.

Ocorre ainda perguntar: qual terá sido o contexto original do monumento? A extensão em altura e o facto de serem lembrados pela irmã a mãe e o irmão sugeririam a inclusão em jazigo de família, sendo o letreiro inserido não sobre a porta mas ao lado, na fachada.

Para atribuir uma datação basear-nos-emos em dois elementos: a presença da consagração aos *Manes* e o modo de identificação à maneira indígena (nome + patronímico): meados do século I d. C. A paleografia não vai contra essa proposta.

JOSÉ CARLOS SANTOS
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO⁶

⁶ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.



1



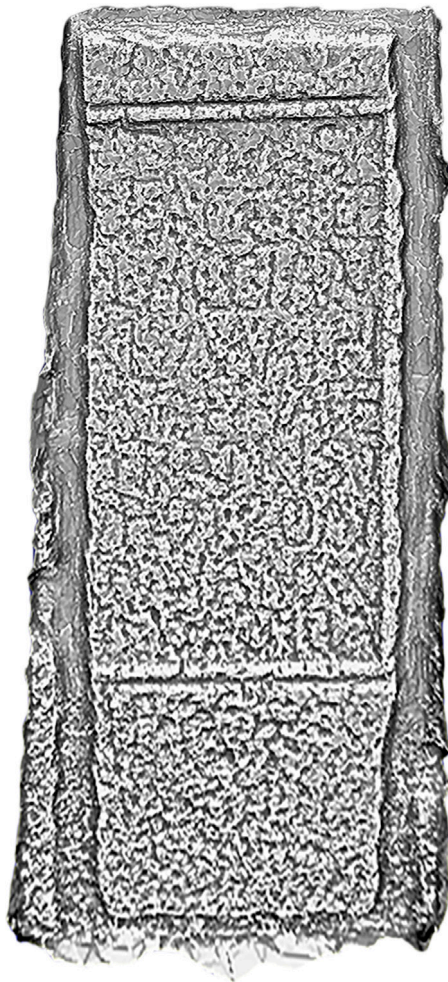
2

835



3

835



4

835